

O AMBIENTE ESCOLAR COMO PALCO PARA AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO

*Lindamir Salete Casagrande*¹

*Marilia Gomes de Carvalho*²

*Pollyane Casagrande*³

*Valéria Costa*⁴

RESUMO

O objetivo deste artigo é provocar uma reflexão sobre as representações de gênero presentes no ambiente escolar, bem como, a importância que os profissionais da educação assumem na formação de cidadãos críticos e no desenvolvimento de uma educação justa e igualitária. Será apresentada também uma exposição preliminar da pesquisa em andamento que visa a discutir as representações de masculino e feminino nos livros didáticos de matemática.

Palavras-Chave: Representações de gênero; escola; educação; mulher; livro didático; matemática.

ABSTRACT

The main objective of this article is to bring to pass a reflection about the gender representation in the school environment, as well as, the importance that educational professionals assume to the critical citizenship formation and in developing a fair and equalitarian education.

A preliminary on-going research exposition will be presented aiming at the debate of male and female representations on mathematics teaching books.

¹ Licenciada em Matemática, Mestra em Tecnologia pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia - PPGTE do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná - CEFET-PR, professora do CEFET-PR e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações de Gênero e Tecnologia – GeTec, e-mail: lindamir@ppgte.cefetpr.br.

² Doutora em Antropologia Social, professora do PPGTE, do CEFET-PR, coordenadora e pesquisadora do GeTec, e-mail: carvalho@ppgte.cefetpr.br.

³ Graduanda do curso de Licenciatura em Matemática do CEFET-PR – Unidade Sudoeste.

⁴ Graduanda do curso de Licenciatura em Matemática do CEFET-PR – Unidade Sudoeste.

Keywords: Gender representation; school; education; woman; didactic book; mathematic.

1. INTRODUÇÃO

A busca por uma sociedade mais democrática e justa tem sido um dos objetivos dos atores sociais que atuam na escola (professores, professoras, alunos, alunas, diretores, diretoras, enfim, profissionais da educação), para que esta forme cidadãos que respeitem a diversidade cultural, os valores, as crenças, bem como os comportamentos relacionados à sexualidade. Assim, é importante refletir sobre as questões de gênero no ambiente escolar, visto que, na escola encontra-se uma multiplicidade de indivíduos com experiências de vida, sonhos e realidades específicas, e, compreender, aceitar e saber como lidar com esta diversidade é de fundamental importância.

O objetivo deste artigo é refletir sobre as representações e relações de gênero presentes no ambiente escolar, ressaltando a importância dos atores sociais bem como das ferramentas utilizadas com o intuito de facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

Inicialmente será apresentado o conceito de gênero que norteará o estudo. Posteriormente será realizada uma breve análise de como ocorrem as relações de gênero no ambiente escolar, apontando o papel da escola na formação dos cidadãos, bem como, ressaltando a importância dos professores e professoras no processo de ensino-aprendizagem.

Em outro item será abordada a participação das mulheres em carreiras relacionadas com as ciências exatas, onde normalmente elas encontram maiores dificuldades para obter êxito como profissionais.

Em seguida serão trazidas algumas informações sobre um projeto de pesquisa que visa a discutir as representações de gênero nos livros didáticos de matemática de 5ª e 6ª série que se encontra em desenvolvimento.

2. O CONCEITO DE GÊNERO

Serão apresentadas aqui conceituações de gênero segundo autores da teoria de gênero, com o intuito de demonstrar a linha de raciocínio a ser seguida no desenvolvimento deste artigo.

O termo “gênero” surgiu na academia em substituição ao termo “Mulher” num momento em que o movimento feminista buscava desnaturalizar a condição da mulher na sociedade, bem como, adentrar em alguns ramos da ciência em que os estudos sobre as mulheres não eram bem aceitos. Simião considera que:

nesse sentido era preciso encontrar conceitos que permitissem diferenciar aquilo que as mulheres tinham de natural, permanente, e igual em todas as épocas e culturas (o sexo) daquilo que dava base para a discriminação e, por ser

socialmente construído, variava de sociedade para sociedade e podia mudar com o tempo (o gênero) (2000, p.4-5).

Para Scott, gênero é “uma forma de indicar ‘construções culturais’ – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (1995, p. 75). Desta forma, não se deve confundir gênero com sexo, pois “‘sexo’ é a base biologicamente dada sobre a qual se (im)põe social e culturalmente o ‘gênero’, que é, assim, uma construção social” (PIERUCCI, 199-, p. 124). A criança, ao nascer, é do sexo feminino ou masculino, ao ser submetida ao convívio social o gênero vai sendo definido e pode ser diferente do sexo. Ela pode vir a ser do gênero masculino, feminino, homossexual, transsexual, bissexual, dentre outros e o fato de a pessoa pertencer a um ou outro gênero não define sua capacidade intelectual ou suas habilidades manuais.

Para Schienbinger o termo gênero “é mais propriamente usado para referir um sistema de signos e símbolos denotando relações de poder e hierarquia” (2001, p. 45), enquanto sexo pode ter muitos significados dentre eles “referir a biologia [macho ou fêmea] de um indivíduo” (2001, p. 47). As relações de poder e hierarquia também podem se manifestar dentro do mesmo gênero quando mulheres exercem sua dominação sobre outras mulheres, ou homens que dominam outros homens, por exemplo.

Sendo o gênero uma construção social, bem como representando relações de poder, os papéis e/ou funções atribuídas a homens e mulheres variam dependendo da cultura, do ambiente social, enfim, da sociedade em que as pessoas estão inseridas, o que não se pode perder de vista.

Os estudos de gênero vêm se desenvolvendo nos mais diversos ramos e setores da sociedade e têm crescido bastante neste início de século. Tais estudos discutem como cada um dos gêneros age e reage diante das situações do cotidiano. Apesar da abrangência destes estudos ainda encontramos muitos temas que carecem ser pesquisados para que sejam melhor entendidos pela sociedade.

No próximo item serão discutidas as representações de gênero no ambiente escolar, buscando mostrar como tais representações permeiam as relações cotidianas na escola.

3. RELAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR

As questões de gênero perpassam todas as esferas da sociedade e desta forma chegam também na escola. Discutir as relações de gênero no ambiente escolar é de fundamental importância quando se pensa em construir uma educação democrática que possibilite a todos os seus agentes, igualdade de condições e de oportunidades.

No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais -PCNs (1998) prevêm

a discussão das questões de gênero no ambiente escolar. A conceituação de gênero constante nos PCNs é: “conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos” o que vem de encontro com os teóricos de gênero aqui referenciados.

Devido às mudanças sociais que vêm ocorrendo desde o século XX, tanto no Brasil como no mundo, quando a mulher passou a ter uma maior participação no mercado de trabalho, as questões relacionadas à educação, antes responsabilidade da mulher, no papel de mãe, passaram a ser delegadas à escola. Desta forma, o papel da escola na educação das crianças vem aumentando e ela passa a ser uma das principais instituições de educação além de ser a mais importante forma dos alunos adquirirem conhecimentos. Inúmeras vezes ouvimos as mães dizerem frases como “não vejo a hora de meu filho começar a ir para a escola, quem sabe lá ele toma jeito” o que demonstra a transferência da responsabilidade de educar as crianças para a escola. BOCK, FURTADO & TEIXEIRA argumentam que:

Ao transmitir a cultura e, com ela, modelos sociais de comportamento e valores morais, a escola permite que a criança “humanize-se”, cultive-se, socialize-se ou, numa palavra, eduque-se. A criança, então, vai deixando de imitar os comportamentos adultos para, aos poucos, apropriar-se dos modelos e valores transmitidos pela escola, aumentando, assim, sua autonomia e seu pertencimento ao grupo social (2001, p. 261).

Será a escola o ambiente mais apropriado para ser a principal fonte de educação das crianças? Têm os professores formação adequada para assumir este papel? A escola educa meninos e meninas da mesma maneira? Estes são alguns questionamentos que vêm à mente quando pensamos na realidade atual da educação em nosso país.

Pode-se dizer que nem sempre os educadores estão preparados para assumir tamanha responsabilidade e a educação torna-se frágil e desigual, transformando-se num fator de aumento das desigualdades sociais, das diferenças de gênero e de discriminações. Whitelaw (2003) ressalta a importância da formação dos professores, pois estes devem estar preparados para trabalhar com a diversidade cultural dos alunos oriundos das mais variadas realidades sociais. “As/os estagiárias/os devem estar conscientes e entender o poder e influência de seu comportamento e atitudes, assim como do que ensinam e de como ensinam” (WHITELAW, 2003, p. 38)⁵. Se estes profissionais não são preparados adequadamente para assumir as responsabilidades da educação das crianças, como esperar que entendam a diversidade cultural de seus alunos? O que se encontra, na maioria das vezes, são professores pouco

⁵ Whitelaw realizou seu estudo no Reino Unido tomando como base os estagiários de magistério, porém, o mesmo se aplica aos professores e professoras no Brasil.

preparados, que desconhecem a origem de seus alunos e essa pode ser uma das causas das dificuldades enfrentadas por eles quanto à disciplina, ao relacionamento e ao desempenho escolar.

Louro (2001) argumenta que a escola é formadora de diferenças e desigualdades. Pelo simples fato de não ser acessível a todos, diferencia os que estão dentro dos que estão fora dela. Dentre os que a ela têm acesso, a escola reproduz ainda diferenças de gênero e legitima padrões de comportamentos distintos para meninos e meninas criando também expectativas díspares para os jovens dos diferentes sexos. Segundo Carvalho, “a desigualdade sexual e a iniquidade de gênero se manifestam em muitos aspectos das relações escolares” (2003, p. 57). Tais manifestações vão desde as expectativas dos professores e professoras, passando pelas representações de homens e mulheres nos materiais didáticos até as relações de poder na escola.

Ao impor e legitimar modelos de comportamento diferente para meninos e meninas, a escola pode influenciar nas escolhas profissionais dos mesmos. Segundo BOCK, FURTADO & TEIXEIRA “na tradição cultural brasileira [e também na mundial], a mulher, por exemplo, é sempre vista como ser frágil, que nasceu para ser mãe, para proteger e dar amor” (2001, p. 315). Desta forma, a função da mulher é, nesta visão, cuidar da família, e para isso a menina é educada desde pequena quando é incentivada a cuidar de suas bonecas como se fossem bebês, a fazer comidinha, a brincar de casinha, brincadeiras estas voltadas para o lar, ou seja, para a esfera privada. Já os meninos são incentivados a brincar de carrinhos, empinar pipas, jogar vídeo games, praticar esportes coletivos, como o futebol, por exemplo, enfim, brincadeiras que exigem tomadas de decisão, voltadas para a rua, isto é, para a esfera pública. Em suma, meninas e meninos são socializados de forma diferenciada e é ‘normal’ que diante da vida, quando adultos, tenham posturas, ações e reações distintas.

Os professores e professoras reforçam este tipo de educação quando esperam que as meninas sejam mais caprichosas e submissas e os meninos descuidados e expansivos e quando um aluno ou uma aluna apresenta comportamento diferente do esperado, consideram-no um aluno ou aluna problema (CARVALHO, 2001).

Ao se ensinar formas de comportamentos distintos e cobrar das meninas e meninos atitudes correspondentes é natural que haja uma separação entre eles no ambiente escolar, sendo importante que os professores e professoras observem isso e busquem a interação entre todos os alunos, independentemente do gênero, para que as crianças e adolescentes aprendam a respeitar as diferenças de maneira equilibrada e diminuir as desigualdades, pois:

no primeiro ciclo, geralmente ocorre o agrupamento espontâneo das crianças por sexo, sendo mais dificultado o relacionamento entre meninos e meninas. Esse movimento pode e deve ser respeitado, desde que não implique a desvalorização do outro... Já no segundo ciclo costuma haver, espontaneamente

também, uma aproximação entre eles, revelando-se mais claramente a curiosidade pelas diferenças... Essa aproximação não se dá sem conflitos, medos e por vezes agressões de diferentes intensidades. Muitas vezes o professor é chamado a intervir nesses conflitos ao mesmo tempo em que pode propor situações de trabalho em conjunto como estratégia de facilitação das relações entre meninos e meninas (PCNs – Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, 1997).

Assumindo as diferenças que existem entre as crianças dos variados gêneros, torna-se mais fácil evitar que tais diferenças se traduzam em desigualdades, em dominação de um gênero sobre outro. A diferença biológica quando traduzida socialmente como desigualdade, pode ser prejudicial ao desenvolvimento da criança e do adolescente no ambiente escolar e fora dele.

A escola apresenta-se, então, como um ambiente propício para o confronto entre os gêneros, uma vez que se tem dentro dela profissionais e alunos de ambos os sexos e dos mais variados gêneros. O que fazer para que a relação entre meninos e meninas se desenvolva de uma maneira mais igualitária⁶? Como os profissionais da educação podem contribuir para minimizar as diferenças de gênero? Qual o espaço dos homossexuais dentro da escola? Estes são alguns dos questionamentos cujas respostas requerem estudos mais aprofundados.

O próximo item versará sobre a participação feminina nas ciências, principalmente nas que têm por base a Matemática que por muito tempo foi considerada uma Ciência masculina.

4. MATEMÁTICA É ASSUNTO PARA MULHERES?

Alguns ramos das Ciências, como o das Ciências Exatas e da Natureza apresentam em seus quadros de pesquisadores, docentes e discentes a predominância de homens enquanto outros, como as Ciências Sociais e Humanas, de mulheres (TABAK, 2002). A sociedade está culturalmente pré-disposta a valorizar mais as Ciências e as realizações dos homens (MORENO, 1999). Alguns sequer consideram as Ciências Sociais como Ciência. O ingresso de mais mulheres em uma determinada carreira provoca o que se denomina 'feminização' da profissão, ou seja, a desvalorização da mesma pela sociedade e a menor remuneração dos profissionais que se dedicam a estas carreiras. Isso pode ser observado na área médica, por exemplo, onde aparentemente as especializações mais prestigiadas como a Cirurgia e a Neurologia, são dominadas pelos homens e as áreas como a Pediatria e a Ginecologia são áreas mais femininas e também de menor remuneração. Há a necessidade de se fazer pesquisa para confirmar ou refutar esta suposição.

⁶ Por igualdade aqui compreende-se uma educação que assegure direitos iguais a todos os indivíduos independentemente do gênero, bem como, a não hierarquização nas relações sociais.

Ainda hoje, encontram-se diversas diferenças com relação às profissões exercidas por homens e mulheres sendo este fato reflexo de uma cultura reproduzida pelos pais e pelos professores, muitas vezes de forma inconsciente. Mesmo nos dias atuais em que as mulheres têm ultrapassado os homens em número de concluintes em todos os níveis de ensino (CARVALHO e PEREIRA, 2003), o número de mulheres em cursos que tenham como base a Matemática é pequeno, pois em sua formação receberam a influência de que esta é uma Ciência para homens.

Segundo Tabak “as Ciências Físicas e Matemáticas continuam a ser o grande pólo de estrangulamento, ou seja, ainda são poucas aquelas mulheres que se encaminham para essas áreas. O mesmo sucede com várias subáreas da Engenharia” (2003, p.24-25). A mesma autora constata em pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que “na Escola Politécnica da UFRJ, no início do novo milênio, as mulheres constituíam apenas 10,7% do total de docentes (26 entre 241). É difícil falar em avanço ao longo dos anos 90” (TABAK, 2003, p. 17). Ainda sobre a reduzida presença feminina em carreiras científicas, Tabak afirma que

o país não pode se dar ao luxo de prescindir da incorporação de milhares e milhares de mulheres que venham a contribuir com seu talento e sua inteligência para fazer avançar a Ciência e a Tecnologia no Brasil e assim reduzir mais rapidamente a enorme defasagem – ainda persistente – com os países mais desenvolvidos (2003, p. 18).

Ou seja, as barreiras impostas à presença feminina nas carreiras científicas resultam no desperdício de recursos intelectuais importantes para o desenvolvimento de toda a sociedade.

Porém, além de se preocupar com o reduzido número de mulheres nessas áreas é preciso conhecer as causas deste fenômeno. Velho e León consideram que “isto não se dá por escolha consciente delas, mas pelo fato de que as portas de entrada para estas carreiras lhes foram fechadas” (1998, p. 312) ainda na adolescência quando, de uma maneira geral, considera-se que as meninas têm menor habilidade para a matemática.

Na origem desta diferença de habilidade encontram-se processos de socialização que ocorrem diante de uma elevada escassez relativa de modelos apropriados, nas ciências e nas Engenharias, a serem emulados pelas meninas. Nestes mesmos contextos, *et pour cause*, as expectativas e atitudes dos pais e professores têm função relevante no sentido de encorajar e motivar os meninos, mas não as meninas, para Matemática. Esta passa, então, a ser vista como “coisa de meninos”, conflitante com a identidade sexual das meninas, “mais difícil” e “menos útil” para elas (VELHO e LEÓN, 1998, p. 312).

Tabak considera que “a família continua a influir negativamente, ao desestimular as filhas que demonstram interesse pelas ciências matemáticas e

da natureza, sob a alegação de que não seriam áreas adequadas para as mulheres” (2003. p. 23). Considera-se que as mulheres devam continuar em carreiras voltadas para a educação e cuidado com o ser humano como a Enfermagem, o Magistério e as Ciências Humanas.

Mesmo havendo esta hierarquização nas carreiras e nas Ciências, algumas pessoas enfrentam os obstáculos e ousam adentrar em áreas dominadas pelo outro gênero. Os homens que decidem seguir carreiras predominantemente femininas são bem aceitos e conseguem atingir o nível máximo em suas carreiras enquanto as mulheres que se interessam por carreiras predominantemente masculinas são consideradas intrusas, aventureiras e conseguem lograr êxito em suas profissões com muita dificuldade (TABAK, 2002).

Outro fator a se observar é a diferença com que os profissionais da educação lidam com meninos e meninas em relação à sua capacidade de aprendizagem. Geralmente os meninos são vistos como mais espertos, que não precisam ficar horas estudando, como as meninas, para obterem um bom desempenho nas avaliações. Na Matemática isso ocorre com frequência. Louro (2001) relata os resultados da pesquisa realizada por Walkerdine que aponta a dificuldade dos professores e professoras admitirem que uma menina seja brilhante em Matemática. Sobre uma aluna que obtinha excelente desempenho nessa disciplina, o estudo aponta que os professores e professoras “comentavam que ela era ‘uma trabalhadora muito, muito *esforçada*’” (WALKERDINE⁷ citada por LOURO, 2001, p.68, grifo da autora), já sobre um menino que não conseguia obter um desempenho sequer razoável a justificativa é “‘não porque ele não é inteligente’(...), mas porque não pode sentar-se quieto, não consegue se concentrar... muito perturbador... mas muito *brilhante*” (WALKERDINE citada por LOURO, 2001, p.68, grifo da autora). Estes são exemplos da dificuldade dos profissionais da educação reconhecerem a capacidade das meninas e a dificuldade dos meninos na aprendizagem da Matemática. Sobre seu estudo, Walkerdine considera ainda que:

Não apenas nunca se utilizava o adjetivo “brilhante” para as garotas, como também não se supunha que elas tivessem “potencial” (outra palavra utilizada apenas por eles). (...) as meninas eram, na verdade, “acusadas de ir bem porque trabalhavam muito, seguiam regras, comportavam-se bem”. “Acusadas” porque isso ocorria num momento em que as modernas teorias psicológicas representavam a criança “normal”, a criança “natural”, como curiosa e lúdica (citada por LOURO, 2001, p. 69).

Desta forma, respondendo a pergunta título deste item, podemos dizer que apesar da menor participação feminina nas Ciências Exatas, dentre elas a

⁷ WALKERDINE, V. O raciocínio em tempos pós-modernos. *Educação e Realidade*. Vol. 20(2), jul/dez. 1995.

Matemática, da falta de reconhecimento da capacidade feminina para aprender e fazer Matemática não há nada, além do preconceito, que impeça as mulheres de desenvolverem pesquisa em matemática. Desta forma a resposta é sim, Matemática é assunto de mulher.

5. O LIVRO DIDÁTICO E AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO

Para realizar seu trabalho de ensinar, professores fazem uso de ferramentas que têm o objetivo de apoiar e facilitar o processo de ensino/aprendizagem. Dentre estas ferramentas encontram-se os livros didáticos que são de fundamental importância (muitas vezes a única ferramenta) para alunos e professores. Estes livros estão repletos de representações de gênero, classe, etnia, etc. que muitas vezes (para não dizer na maioria das vezes) passam despercebidas por professores e alunos. Faz-se necessário, então, uma reflexão sobre o conteúdo explícito e principalmente o conteúdo implícito dessas obras, pois, o não dito é tão importante quanto o que é dito (LOURO, 2001).

Neste sentido, está sendo iniciada uma pesquisa com o objetivo de analisar as representações do feminino e do masculino nos livros didáticos para o ensino de matemática a alunos de 5ª e 6ª séries. Nessa pesquisa serão investigadas as representações sobre homens e mulheres, meninos e meninas que estão nas ilustrações, textos e enunciados de problemas de matemática. Será verificado se esse material está transmitindo valores e construindo padrões estereotipados mesmo de forma implícita. Em uma análise preliminar, observou-se que a mulher, geralmente, é representada na esfera privada realizando tarefas pouco valorizadas e não remuneradas, e o homem na esfera pública, produzindo o sustento da família.

Outro fato a ser observado é que quando a mulher é representada na esfera pública, na maioria das vezes, é como professora ou consumidora, funções que representam a educação, o cuidado com o lar e os filhos, ou seja em funções que representam a extensão do lar.

Sabe-se que atualmente isso não é verdade, a mulher está conquistando espaços diferenciados e quebrando barreiras em diversas áreas. Cabe ao professor refletir com seus alunos a realidade, para que estes não se tornem pessoas preconceituosas. LOURO argumenta que “é indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentido nossos/as alunos/as dão ao que aprendem” (2001, p. 64). Em suma, os professores e professoras devem estar conscientes de seu papel na educação das crianças para propiciarem uma educação justa sob todos os aspectos inclusive o de gênero.

A seguir, serão relacionados alguns exemplos de exercícios que serão analisados na pesquisa citada. Os exercícios abaixo relacionados foram retirados de um livro didático utilizado em escolas estaduais e particulares do Estado do Paraná.

- a) “Diana disse: ‘Eu pesava 56 kg. Engordei e estou pesando 63 kg’. Qual o aumento porcentual que houve no peso de Diana” (IEZZI, DOLCE e MACHADO, 2000, p.113)?
- b) “Maurício quer comprar uma geladeira. A loja oferece as seguintes condições de pagamento: 3 parcelas de R\$ 400,00 ou pagamento à vista com 15% de desconto. Quanto Maurício irá desembolsar em cada plano de pagamento” (IEZZI, DOLCE e MACHADO, 2000, p.113)?
- c) “Oito pessoas trabalham na padaria do seu Manuel: três padeiros, o confeitiro, dois ajudantes e dois copeiros ...” (IEZZI, DOLCE e MACHADO, 2000, p.186).
- d) “Três amigos montaram uma videolocadora. Altemar entrou com R\$ 6.000,00, Valter com R\$ 8.000,00 e Claudemir com R\$ 4.000,00. Ao fim de 6 meses obtiveram um lucro de R\$ 3.600,00, que foi dividido entre os três em partes diretamente proporcionais ao capital que cada um empregou. Quanto coube a cada pessoa?” (IEZZI, DOLCE e MACHADO, 2000, p. 218).
- e) “Claudinha e Roseli compraram em sociedade uma bicicleta. Claudinha entrou com R\$ 400,00 e Roseli com R\$ 500,00. Depois de algum tempo, venderam a bicicleta por R\$ 720,00 e repartiram o dinheiro recebido proporcionalmente à quantia investida. Quanto Roseli recebeu de volta?” (IEZZI, DOLCE e MACHADO, 2000, p.220).
- f) “João e Maria montaram uma lanchonete. João entrou com R\$ 20.000,00 e Maria, com R\$ 30.000,00. Se ao fim de um ano eles obtiveram um lucro de R\$ 7.500,00, quanto vai caber a cada um?” (IEZZI, DOLCE e MACHADO, 2000, p.219).

Exemplos como estes serão, futuramente, analisados buscando identificar como o masculino e o feminino estão representados nos livros didáticos de Matemática. O estudo terá como base a teoria de gênero.

Em uma análise superficial, e apoiada nessa mesma teoria, pode-se perceber que nos exemplos acima relacionados, homem e mulher são representados nos seus “papéis” tradicionais, ou seja, nos papéis que culturalmente fomos condicionados a vê-los. Neste final do milênio, os livros didáticos continuam representando e reforçando estereótipos ultrapassados. Cabe a professoras e professores estarem atentos para que estes estereótipos não sejam repassados a seus alunos sem uma análise crítica dos mesmos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo observou-se que a escola tem papel importante na educação das crianças e é palco das mais variadas representações de gênero. Os diversos setores do ambiente escolar estão permeados por estas representações. Professores e professoras devem estar atentos e atualizados,

pois seu papel na educação de crianças e jovens se constitui de fundamental relevância. Existem ainda muitos pontos que necessitam ser esclarecidos com relação ao papel dos professores e professoras na educação, como, por exemplo: Os professores e professoras estão cientes da importância de seu papel na sociedade? Como preparar os profissionais da educação para uma educação igualitária? Há que se fazer pesquisas objetivando esclarecer estes e outros pontos ainda obscuros.

Observou-se também que ainda existem carreiras e ramos das Ciências com predominância de um dos sexos e que os profissionais do outro sexo encontram dificuldades para adentrar nestas carreiras. O que fazer para minimizar as desigualdades de gênero no meio científico e profissional? Por quê, ainda no início do terceiro milênio, o trabalho feminino permanece menos valorizado que o masculino? São temas que merecem ser pesquisados para obter respostas às indagações.

Apontou-se também para uma pesquisa em andamento com objetivo de analisar as representações de gênero nos livros didáticos de matemática. Outros problemas de pesquisa nesse sentido podem ser: Como professores e alunos percebem as representações de gênero no livro didático? Estas representações influenciam no processo ensino-aprendizagem? Pesquisas semelhantes podem ser desenvolvidas tendo como objeto de estudo livros didáticos de outras disciplinas e/ou destinados a outras faixas etárias, uma vez que todo conhecimento transmitido aos alunos requer antes uma análise das questões de gênero, para que assim não propiciem a continuidade e estímulo a preconceitos e discriminações.

Pode-se portanto dizer que com relação às questões de gênero na escola, têm-se muito mais perguntas do que respostas. Isto significa que existe aí um campo aberto para estudos e pesquisas que sem dúvida trarão o conhecimento necessário para a compreensão destes fenômenos.

Com este estudo buscou-se chamar a atenção dos leitores sobre as questões de gênero que estão presentes no ambiente escolar, bem como, mostrar a importância de uma postura crítica da escola e dos profissionais da educação visando formar cidadãos ativos que contribuam para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCK, A M. B., FURTADO, O. & TEIXEIRA, M. L. T *Psicologias: Uma introdução ao estudo da psicologia*. 13. ed., São Paulo: Saraiva, 1999.

CARVALHO, M. E. O que essa história tem a ver com as relações de gênero? Problematizando o gênero no currículo e na formação docente. In CARVALHO, M. E. e PEREIRA, M. Z. C. (org.). *Gênero e Educação: Múltiplas faces*. João Pessoa: UFPB, 2003. p. 55-76.

- CARVALHO, M. P. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, 2001. p. 554-574.
- CARVALHO, M.E. e PEREIRA, M. Z. C. Introdução. In; *Gênero e Educação: Múltiplas faces*. João Pessoa: UFPB, 2003.
- IEZZI, G. DOLCE, O. e MACHADO, A. *Matemática e Realidade*. São Paulo: Atual, 2000.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 4. ed., Petrópolis: Vozes, 2001.
- MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*; São Paulo: Moderna, 1999.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: *Pluralidade cultural, orientação sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: *Terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- PIERUCCI, A. F. *Ciladas da diferença*. São Paulo: 34, 1998.
- SCHIENBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* Bauru-SP: EDUSC, 2001.
- SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. v.20, n.2, jul./dez. 1995. p. 71-99.
- SIMIÃO, Daniel Schroeter, *Gênero no mundo do trabalho*. Mimeo, 2000, 9 p.
- TABAK, F. Gênero, conhecimento, ciência e poder”. In CARVALHO, M. E. e PEREIRA, M. Z. C. (org.). *Gênero e Educação: Múltiplas faces*. João Pessoa: UFPB, 2003. p. 15-32.
- TABAK, Fanny. *O laboratório de Pandora: Estudos sobre a ciência no feminino*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- VELHO, L. & LEÓN, E. construção social da produção científica por mulheres. *Cadernos pagu* (10). Campinas, 1998. p. 309-344.
- WHITELAW, S. Questões de Gênero e equidade na formação docente. In CARVALHO, M. E. e PEREIRA, M. Z. C. (org.). *Gênero e Educação: Múltiplas faces*. João Pessoa: UFPB, 2003. p. 33-44.